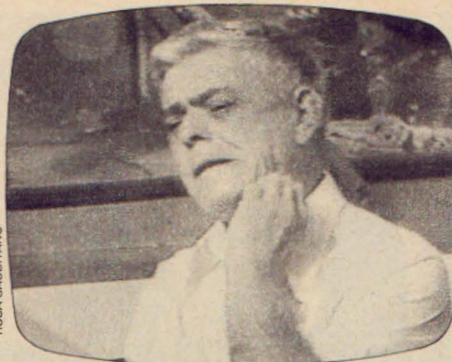
Rep. Morte


ÁLBUM DE FAMÍLIA

Sônia e Stuart no casamento


ROSA GAUDITANO

Pimenta: testemunha do seqüestro


ÁLBUM DE FAMÍLIA

Com os pais: anos no exílio

R 03569

MEMÓRIA

Dor resgatada

Um vídeo conta a morte de Sônia Angel Jones

ANA

Em julho do ano passado, o tenente-coronel da reserva João Luiz de Moraes saiu arrasado de um consultório carioca. Depois de analisar uma série de exames neurológicos, o médico disse-lhe que sua saúde estava seriamente comprometida e que a morte chegaria em menos de um mês. Moraes decidiu então dar os primeiros passos em seu último e mais urgente projeto. Telefonou ao seu amigo Sérgio Weissmann, dono da produtora de vídeos Spectrum, e o convidou para uma visita naquela mesma noite. "Quero fazer um documentário sobre a morte de minha filha Sônia", disse Moraes ao produtor. Começou a nascer ali *Sônia Morta Viva*, um documentário de 50 minutos que conta a história de Sônia Maria de Moraes Angel Jones, militante da organização terrorista Aliança Libertadora Nacional, assassinada quando tinha 27 anos, em 1973, por agentes do DOI de São Paulo.



O tenente-coronel Moraes, afinal, pôde acompanhar toda a produção do vídeo — o diagnóstico médico estava errado e nesta semana, com 62 anos e bem de saúde, ele poderá avaliar a eficácia do documentário junto ao público. A pré-estréia de *Sônia Morta Viva* será realizada nesta terça-feira, no auditório da Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, numa sessão para a qual foram convidados o presidente José Sarney e o ministro Fernando Lyra, da Justiça. Também nesta semana, a direção da Rede Bandeirantes irá assistir ao vídeo e decidir se o leva ao ar.

CARTA EMOCIONANTE — O documentário conta a história através do depoimento de dezoito pessoas, entre amigos, familiares e testemunhas de sua prisão. Fica-se sabendo que seu pai e sua mãe, Cléa, eram amigos do presidente Castello Branco, que ela participou das marchas pela derrubada do governo João Goulart, quando tinha 18 anos, e poucos anos depois aderia ao terrorismo, filiando-se ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro, o MR-8, e trocando-o, depois, pela ALN. Em 1968, Sônia casou-se com Stuart Edgar Angel Jones, mas viveu com ele apenas dois anos. Em 1970, ela foi para a França, para escapar da prisão. Pouco depois, Stuart era preso no Rio de Janeiro, numa operação destinada a chegar a Carlos Lamarca, um dos poucos líderes do terrorismo ainda vivos. Lamarca seria morto pouco depois, no sertão da Bahia, fugido e faminto.

Em *Sônia Morta Viva*, Alex Polari de Alverga, na época preso na Base Aérea do Galeão, lembra a morte de Stuart Angel, que foi arrastado por um carro e obrigado a inalar os gases do escapamento. Na mesma semana em que Stuart era torturado até a morte, o capitão Aílton Guimarães Jorge, do DOI do Rio de Janeiro, fazia o seu primeiro roubo de muamba de contrabandistas. O corpo de agentes encarregados da repressão política começava a adquirir vida própria, já que eles escalavam os terroristas a serem perseguidos, e alguns policiais começavam a ir para a contravenção.

Num dos momentos mais emocionantes de *Sônia Morta Viva*, é lida uma carta que Sônia enviou de Paris para Stuart, sem saber se ele ainda estava vivo. Em 1973, ela volta ao Brasil, usando documentos falsos, com o nome de Esmeralda Siqueira Aguiar. Segundo a polícia, Esmeralda morreu durante um tiroteio, em São Paulo. O documentário fulmina essa versão, apresentando o depoimento do motorista de ônibus Celso Pimenta e do vendedor de passagens Oséas de Oliveira. Ambos contam que viram quando Sônia e Antônio Carlos Bicalho Lana, também da ALN, foram raptados por dezenas de homens armados, em Santos, no litoral paulista. Lana foi espancado, Sônia não sofreu nada e não houve tiroteio. Ou seja, ambos foram fuzilados em outro local.

Em outros testemunhos, a verdade surge por inteiro. Sônia e Lana foram transferidos para o Rio de Janeiro, onde ela foi torturada e seviciada no DOI. Moribunda, Sônia foi levada a São Paulo, onde recebeu o tiro de misericórdia na cabeça. Essa verdade, que os pais de Sônia descobriram praticamente sozinhos, é defendida brilhantemente no vídeo, que só peca por algumas tolices demagógico-poéticas (como o jornalista Fernando Gabeira afirmando que a "luta armada foi o mais fascinante dos erros"). "Não somos revanchistas", explica dona Cléa. "É nosso direito pedir verdade e justiça." ●


FOTOS LUIZ CARLOS DAVID

Cléa e o tenente-coronel Moraes: homenagem à filha assassinada